

Linha de pesquisa: Investigação em Psicanálise

Título do projeto: A visão psicanalítica da identificação do Negro no Brasil e sua relação com os fatores da paranoia social.

Pesquisador Responsável (Supervisor): Prof. Dr. Christian Ingo Lenz Dunker (Departamento de Psicologia Clínica da Universidade São Paulo – IP – USP).

Candidato: Prof. Dr. João Ezequiel Grecco (Doutor em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP – 2015).

Instituição sede: Universidade de São Paulo – USP.

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo, o estudo e a investigação dos impasses no processo da identificação do Negro no Brasil e seu transcurso socio histórico, no qual foi moldado por fatores de uma paranoia social, na chancela implicada no processo socio histórico da violência e crime. O projeto norteia em quatro eixos a serem expandidos e aprofundados: o primeiro na retomada conceitual histórica do pensamento que propõe uma relação entre o processo escravocrata no Brasil e a recapitulação histórica da LBHM (Liga Brasileira de Higiene Mental), a psiquiatria na figura do degenerado; o segundo seria as contribuições de Arthur Ramos para uma compreensão do Negro através de sua etnia e dos conceitos psicanalíticos freudiano e sociais; a terceira vincula a proposta de Neusa Santos Souza na análise de uma formulação de Identidade do Negro no conceito lacaniano do estágio do espelho; e a quarta estabelece com a obra de Franz Fanon, e sua articulação entre o colonizador e colonizado e as implicações da psiquiatria subjetiva. Desta maneira podemos substantivar os eixos mencionados com uma metodologia a ser levada em conta ao longo do projeto de pesquisa. A psicanálise freudiana reconhece que a identificação é a primeira e primordial forma de ligação afetiva a um objeto, isto é, um processo profundamente enraizado na singularidade do sujeito e em nossas atividades sociais, por outro lado isso na clínica psicanalítica haveria o testemunho dessa manifestação sintomática no processo da identificação. Nosso projeto em particular tem um propósito, ou seja, em que condições o processo da identificação do Negro no Brasil levando-se em consideração a dimensão escravocrata, a influência das escolas antropológicas da miscigenação e da degenerescência, serviram e servem de amparo a um sistema ideológico de exclusão pela via do capitalismo de segregação e racismo. As condições sociais contemporâneas nos instigam a tomar uma posição política e de pesquisador na conjuntura das patologias sociais, onde o Negro no Brasil estabelece um processo de identificação de maneira singular e performática a sua inserção e vinculação no laço social, dito de outra maneira; como se constroem e determinam as patologias estruturantes – neurose; psicose ou perversão, e se essas modalidades de distúrbio psíquico é possuída de modalidades de reprodução da vida social imbuídas de julgamentos tácitos sobre ideais, por outro lado há de se insistir por que se reconhece como portador de uma patologia, isto é o indissociável, que do ato se reconhece uma identidade social com clara força performática. Nossa proposta de pesquisa estaria na ênfase metodológica da psicanálise no suporte do problema: como seria possível construir um dispositivo clínico psicanalítico que pudesse levar em consideração as nuances da identificação do Negro no Brasil em um processo de transformação frente a

problemática da paranoia social, na construção de uma tática, estratégia e política imbricados nas manifestações da patologia social? Isso permite uma reflexão e desenvolvimento entre a clínica e a crítica no interior da qual a crítica social aparece indissociável no diagnóstico de limitação do campo de experiência implicado na circulação massiva de quadros das patologias, na transformação reiterada de sofrimento, violência onde as patologias específicas dariam margem a amplas formas de diagnósticos e manipulação.

Palavras-chave: Negro no Brasil, identificação, psiquiatria, patologias sociais, psicanálise.

1. Introdução

Esta pesquisa tem por objetivo, o estudo e a investigação dos impasses no processo da identificação do Negro no Brasil e seu transcurso socio histórico, no qual foi moldado por fatores de uma patologia da paranoia social, na qual se traduz em sua grande maioria na violência e crime. Se levarmos em conta de que a identificação sob a análise da psicanálise não seria demais afirmar na expressão de Freud contido em *Psicologia das Massas e análise do Eu* ([1921] 2012), onde ele dará destaque na seguinte expressão: a psicanálise reconhece na identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa, p. 61, isso nos possibilita a construção de dispositivos nas relações identificatórias do Negro e suas relações com o branco e o social. A expressão de uma patologia da paranoia social nesse particular transcende nas relações socio históricas escravocratas brasileiras no Negro, que no primeiro momento serviram para conceituar a expressão da existência da paranoia no Negro, fazendo coro a proposta de Raimundo Nina-Rodrigues (1903) em seu artigo original: “La paranoia chez les nègres”, *Archives d’Anthropologie Criminelle, de Criminologie et de Psychologie Normale et Pathologique, Lyon*, a proposta contida no artigo e toda escola de Nina Rodrigues, que prevaleceu até meados de 1930, estabelecia uma correlação entre as condições da miscigenação e degenerescência vinculada a mistura consanguínea, fundamentada na seguinte condição: sem dúvida, tal confusão, num mesmo grupo, dos negros e seus mestiços, retira do estudo da paranoia nos negros, como instrumento de estudo de psicologia étnica, uma grande parte de seu valor. A mistura do sangue da raça branca com a da raça negra cria, um proveito dos mestiços, uma situação particular, ao lhes conferir uma indiscutível superioridade intelectual sobre os negros puros; de outro lado, neles agrava consideravelmente as condições de degenerescência psíquica, (2004).

A expressão conceitual de paranoia, pinçada na temporalidade desde o século XIX pela psiquiatria clássica em suas manifestações delirantes persecutórias, até a sistematização de Kraepelin das síndromes em que se poderia selecionar e identificar parcelas e características da anormalidade, contudo foi possível a compreensão de entendimentos as mudanças das perspectivas nas alterações psíquicas, implicadas em agregar a proposta do inconsciente e não mais pela condição de raça, degenerescência, miscigenação ou mistura de sangue, assim Freud inaugura uma nosografia pela estrutura do sujeito do inconsciente e mais tarde nessa mesma linha Lacan fará da linguagem estrutural a condição fundamental de formalizar a paranoia não só como elemento da

estrutura da psicose, mas também as condições que o discurso capitalista implica o sujeito no meio de produção, isto é, meio de gozo.

Servimos dessas articulações para costurar as relações da identificação do Negro e sua conjuntura entre a violência e a persecutoriedade no laço social, ora pela via do estigma da imagem corporal, ou nas formas de exclusão: o tributo pago pelo negro á espoliação racista de seu direito à identidade é o de ter de conviver com um pensamento incapaz de formular enunciados de prazer sobre a identidade do sujeito. O racismo tende a banir da vida psíquica do Negro todo prazer de pensar e todo pensamento de prazer, COSTA (1984), por outro lado, é relevante que nosso projeto acolhe e sustente uma proposta e investigação, que seja pela referência ao Édipo na psicanálise, seja como complexo – Freud – seja como estrutura – Lacan -, pois o campo do Édipo remete indiscutivelmente ao dispositivo do inquerito, que seria então pré-moderno, e não o do exame – Foucault, 1974 -, que seria moderno, e para isso, necessário pensar nos efeitos de um poder disciplinador, no dispositivo psicanalítico retratado por Foucault (1976).

O processo no qual foi implantado a escravatura no Brasil faz jus a noção de que a teoria do evolucionismo cultural esteve impregnada entre os meados do século XIX até o início do século XX se constatava na dimensão das relações entre os colonizadores e colonizados. Por outro lado, o conhecimento dos aspectos das sociabilidades de determinados grupos colonizados, onde suas crenças, estilos de vida se tornaram de fundamental importância para o êxito de exploração praticada por colonizadores em território estranhos, assim estabelece as relações de poder sobre o outro.

Os evolucionistas tinham a noção de que, as sociedades não europeias, poderiam ser tomadas como grupos inferiores na escala social, esses grupos poderiam evoluir, mas ao longo de muito tempo e com isso haveria um desdobramento de uma teoria evolucionista clássica na compreensão do pensamento cultural da época, ou seja, levar em consideração a unidade psíquica do homem e a ideia de sobrevivência. No Brasil isso se fará na exploração da mão de obra escrava com o índio e o negro, desta maneira não se acreditava na desigualdade psíquica entre indivíduos e entre grupos também, mas sim em uma unidade.

O sentido de sobrevivência explica certas tradições antigas e de difícil compreensão para sociedades consideradas mais desenvolvidas, visto que permaneciam em grupos sociais mais evoluídos e assegurava de certa maneira a evolução cultural do elo com o passado, onde os requisitos indicariam de certa maneira a trajetória das sociedades na linha evolutiva.

Inaugura-se uma metodologia de análise onde o conteúdo comparativo de características semelhantes de diversas sociedades com europeia, isto é, em que medida e nível na escala evolutiva civilizatória estaria o outro na relação enquanto grupo social, assim por viés o método comparativo se baseava em uma história unilateral, não era considerado nada em que não fosse referência do que as características europeias ditavam como padrão de progresso, etiqueta, ciência, arte, culinária, etc., além disso pouco se consideravam os processos históricos internos de cada sociedade e até mesmo ignorando as causas dessa sociedade.

O fato é que no Brasil o índio era tratado como “coisa”, não comungava a eucaristia cristã implantada pela ação da exploração portuguesa, e sua cultura não tinha peso, assim será tomado como escravo, o negro por sua vez é estrangeiro, já vem escravo das colônias em África ou feito escravo nas lutas tribais que viam na escravidão um meio de comércio, o movimento escravocrata lançou revoltas e rebeliões pelas condições do trato dos senhores de engenho, das punições, do trabalho massacrante, pela liberdade, essas condições estabeleceu estimativamente parâmetros de periculosidade por ser escravo, revoltado, negro, degenerado, violento, etc.

Haveria de certa maneira de ao atribuir ao negro à criminalidade e com isso a punição antecipada ou perversa em qualquer ato. Estas relações estariam sobrepostas entre crime e as anomalias mentais onde a degenerescência se destacaria pela análise de uma temática da Antropologia Criminalista ou da teoria atávica proposta a esse fim por Cesare Lombroso (1835-1909), no qual o autor se debruça na tese física e hereditária da criminalidade, sobretudo, na segunda metade do século XIX. Podemos destacar de em seus escritos a noção disso: *Its cause and remedies*, publicado em Londres em 1911 e *Criminal Man*, publicado em New York em 1876, onde suas investidas na identificação de criminosos por aspecto tanto biológico como ambientais.

Por outro lado, seja de enorme relevância apontar os efeitos entre-nos de uma miscigenação e o ambiente para dar um relevo de que no Brasil, justificaria o atraso e muitos aspectos serviam de justificativas, o embotamento da intelectualidade do atraso e despreparo. Soma-se a noção em que a eugenia fundamentada no início do século XX no Brasil ou na Antropologia Criminalista adotada por Raimundo Nina - Rodrigues.

Nosso processo de investigação da paranoia do negro no Brasil se faz por uma análise da influência que a psiquiatria brasileira teve nos primórdios do século XIX e XX, no diagnóstico da saúde mental. Para esse fim uma etnografia psiquiatra europeia, a partir do *Traité des Dégénérescences*, de Benedict-Augustin Morel publicado em 1857, onde se constatara dois fatores relevantes à hereditariedade e a degenerescência. O mesmo método se fara nos anais da psiquiatria brasileira, onde podemos destacar a contribuição de: Raimundo Nina Rodrigues, Juliano Moreira e Franco da Rocha e a inserção de Arthur Ramos (1903 – 1940), que dará ênfase pelo viés da psicanalise uma abordagem em que se possa conceituar a paranoia do negro, não mais pelo fator raça, degenerescência, hereditariedade, e outro fator como a miscigenação, que teve e tem influência na atualidade.

Ao subtrair do conceito psicanalítico freudiano uma visão na qual pudesse construir dispositivos conceituais entre os quais o narcisismo – Ideal do Eu - fosse um aspecto de enorme relevância, e por outro lado também, a ênfase dada a outro saber, ou seja, a Psicologia Social, e é dela que constrói uma interpretação do negro pela sua relação como as condições sociais e identidade. O autor se apropria assim, de elementos no qual a subjetividade e cultura sejam um fator decisivo para nortear sua análise da paranoia do Negro no Brasil após a escravatura. Portanto seria possível retratar a violência e a criminalidade atribuída ao negro e o desdobramento a que esse estigma oferece, Arthur Ramos (1903 – 1940) estará inaugurando uma análise pelo viés da psicanalise e da psicologia social a violência atribuída ao negro, contrapondo assim o conceito de miscigenação e degenerescência, o que levava a criticar a escola de Raimundo Nina-Rodrigues (1862 -1906).

Diante destas questões propomos desenvolver quatro eixos: o primeiro eixo diz respeito às formulações conceituais e a fundação da escola desde o início do século XX de Raimundo Nina-Rodrigues onde o conceito de paranoia no Negro estava relacionada a uma análise pela via consanguínea, degenerescência e miscigenação no qual houve

inúmeros seguidores (Marcio Nery, Franco da Rocha, Teixeira Brandão e Arthur Ramos), relevante destacar na composição do processo identitário do Negro no Brasil essas configurações estabelecidas entre o processo escravocrata e a psiquiatria na visão pela configuração do degenerado; no segundo eixo será expandido a desistência de Arthur Ramos da escola de Nina-Rodrigues, onde será construído uma visão sobre o Negro pela via de sua etnia e ao fazer uso dos recursos da psicanálise em particular – Freud; Adler e Jung -, Arthur Ramos estabelece pela via do folclórico sua concepção de uma singularidade do sujeito, ao propor o inconsciente Folclórico, este será um tema a ser aprofundado nesse projeto; o terceiro eixo nosso percurso seguindo essa linha de pesquisa e investigação se debruça em Neusa Santos Souza, sua proposta de uma formulação de identidade do Negro a partir de seu livro: *Tornar-se Negro ou As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*, permite que traçamos uma relação entre a proposta da autora nas inter-relações do conceito lacaniano a partir do Seminário IX *A Identificação* (1962-1963), e as relações discursivas na clínica psicanalítica; o quarto eixo: será dedicado a Frantz Fanon, que ao vincular as implicações do colonialismo e o processo de identificação do colonizado pela via da consciência política e social, subscreve em nosso propósito uma enorme relevância para compor um entendimento das relações entre a identidade do Negro no Brasil e suas relações com a patologia da paranoia social, em particular se levarmos em consideração seu artigo: *O preto e a psicopatologia*, do livro: *Peles negra mascaradas brancas* (2008).

Acreditamos que assim, serão contempladas as implicações do nosso problema investigativo, ou seja: a impossibilidade de uma ascensão social do sujeito negro e o que dele se desdobra, isto é, aquele que se encontra excluído de sua própria identidade social, e toma para si a violência e a criminalidade; desta maneira questiona-se de que estrutura e a violência racista do branco exercera uma impiedosa tendência a destruir a identidade do negro, como se dará no negro frente a um Ideal branco, visto que será obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível. Haveria um impasse entre o Eu e seu Ideal, como superar esse hiato na conjuntura contemporânea onde a violência e criminalidade seja um estado paranoico atribuído ao negro. Para dar ênfase a esse questionamento tomo a psicanálise em extensão do campo lacaniano a subscrever no processo de identificação as condições em que o sujeito se aliena ao se a sujeitar no desejo do Outro.

2) Fundamentos/problemática

Esta pesquisa tem por objetivo, o estudo e a investigação dos impasses no processo da identificação do Negro no Brasil e seu transcurso socio histórico, no qual foi moldado por fatores de uma patologia da paranoia social, na qual se traduz em sua grande maioria em violência e crime. A psicanálise e a prática clínica podem reconhecer em que na identificação é um processo profundamente enraizado em nossas atividades cotidianas,

haja visto nos sintomas neuróticos dentro os quais o luto que permite diferenciar das questões relativas à melancolia. Assim no tocante a psicose temos uma apresentação particular, isto é, a partir dos conceitos de Freud e Lacan. Em *Psicologia das Massas e análise do Eu* ([1921] 2012), Freud dará destaque na seguinte expressão: a psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa, p. 61, e dessa maneira ele está dando ênfase a uma anterior, isto é, a escolha do objeto e que devemos estar atentos a essa *ligação*, no qual podemos pensar como um significante. Para nosso propósito isso é de enorme valia e que será desenvolvido mais adiante, mas gostaria de acrescentar ainda outras três fontes em que Freud menciona a dinâmica do processo da identificação, na constituinte da estrutura do sujeito: a primeira – a identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto; a segunda – por via regressiva ela se trona o substituto para uma ligação objetal libidinosa, como que através da introjeção do objeto no Eu, e finalmente o terceiro: - ela pode surgir a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais, FREUD (2012). Em Lacan será no Seminário IX A Identificação (1962-1963), onde está concentrado seu ensino nesse tema, assim indaga: o que há de concreto em nossa experiência, está se referindo a identificação – ela é uma identificação de significantes. O desenvolvimento norteador do Seminário está voltado na segunda identificação na fonte mencionado por Freud, a identificação, inspirada por regressão a um traço, o traço unário (*enziger zug*), e na terceira, a identificação com o desejo do Outro, CRUGLAK (2001). Se nesse primeiro momento foi possível contextualizar as referências metodológicas as quais serão a base de nossa investigação de pesquisa, no sentido de proporcionar a ênfase necessária e fundamental a que se propõe, levando em consideração o processo da identificação do Negro no Brasil e sua relação com os fatores da paranoia social que apontam para a violência, preconceito, feminicídio, homicídio e

exclusão social, etc. É relevante que se introduza a priori que esse tema de pesquisa faz jus a problemática brasileira desde a sua condição de Estado como nação. O processo escravocrata mercantil africano está incrustado no Brasil mesmo antes de seu descobrimento, a escravidão já habitava no imaginário do colonizador, assim ficou e permanece cruelmente na história brasileira. O país foi o último a abolir a mão de obra escrava nas Américas, de quebra foi o que recebeu o maior número de africanos saídos do continente de maneira compulsória. As primeiras levas de escravos africanos chegam ao Brasil por volta de 1550 e as últimas na década de 1860. O Brasil foi constituído tanto na fase colonial e pós-colonial dentro de uma sociedade miscigenada, fruto das intergerações que a escravatura impôs a sociedade, não se esquecendo de que a primeira e relevante forma de escravismo no Brasil está na nação indígena marca indelével na sociedade em várias parte do Brasil, com feições econômicas, culturais e demográficas, GOMES&SCHWARCZ (2018). A sociedade brasileira constituída dos matizes desta miscigenação entre índio, negro e branco apresenta uma constituição relevante, mas a discriminação, o apartheid imposto pela condição capitalista e a colonização do branco determinou nesse espectro da miscigenação elementos para separar e higienizar em particular o Negro, há de fato dois fatores um a miscigenação entre o Negro, índio e branco, a segunda a noção de que sendo Negro oriundo de um continente subdesenvolvido ele não tem aptidão para qualquer atividade do conhecimento, cultura e refinamento social, é assim que a degenerescência entra como fator justificável para eleger o Negro inapto, viril, perigoso e possuído de uma anomalia constitucional degenerada que levaria a violência e ao crime. Esses fatores será a base de várias escolas científicas das ciências humanas, médicas e religiosas para darem crédito a escravatura, no Brasil tivemos três grandes grupos de famílias negras trazidas da África: o primeiro grupo foram os sudaneses, como os nagôs (iorubas), os gêges (daomeanos), os fanti-ashantis. No segundo grupo: tivemos os negros sudaneses islamizados, como os haussás, os tapas, os mandingas, os fulatas. No terceiro grupo: os bantos, a grande família que entra no Brasil os negros de Angola, Congo e Moçambique, RAMOS (1971). As condições sociais contemporâneas nos instigam a tomar uma posição política e de pesquisador na conjuntura das patologias sociais, onde o Negro no Brasil estabelece seu processo de identificação de maneira singular e performática a sua inserção e vinculação no laço social, dito de outra maneira; da forma como se estabelece as patologias estruturantes – neurose; psicose ou perversão essas modalidades de distúrbio psíquico é possuída de modalidades de reprodução da vida social imbuídas de julgamentos tácitos sobre ideais,

por outro lado há de se insistir por que se reconhece como portador de uma patologia é indissociável do ato de se reconhecer em uma identidade social com clara força performática. A discussão sobre os processos de produção de identidade social tem, no debate a respeito da estrutura do sofrimento psíquico, um setor importante de desenvolvimento, e por outro lado ao ser traduzido em patologia, o sofrimento transforma-se, um e em modo de partilha de identidades que trazem em seu rastro regimes definidos de compreensão dos afetos e de expectativas de efeitos, SAFATLE (2018). Por outro lado na ótica de FANON (2008), pondera as condições em a psicanálise possa contribuir em se tratando do homem de cor, assim se expressa: nunca que a psicanálise, como se sabe, se propõe a compreender determinados comportamentos no seio de um grupo específico representado pela família, quando se trata de uma neurose no adulto, a tarefa do analista é reencontrar, na nova estrutura psíquica, uma analogia com certos elementos infantis, uma repetição, uma cópia de conflitos surgidos no seio da constelação familiar, pg.127, será agora relevante marcar que no homem de cor, haveria uma inversão. Uma criança negra, normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contato com o mundo branco, podemos esclarecer: haveria uma identificação integral com o branco? O Negro que se enquadraria nunca teria uma experiências anteriores com o branco, teria havido uma experiência passada e recalque no inconsciente? Ou o menino Negro presenciou uma surra ou linchamento de seu pai pelo branco? Houve traumatismo afetivo? A tudo isso respondemos: não! E que desdobra, pg.130. Há para FANON (2008) uma saída na *catharsis coletiva*, uma porta de saída, um canal na qual as energias acumulada, sob a forma de agressividade, possam ser liberadas, nos jogos infantis, nas revistas ou na mídia, onde o Negro aparece submisso e excluído, e rebaixado na condição de sujeito do desejo, até mesmo nas suas patologia estruturante, a medicação e anestesia ao Negro não é correspondente a necessidade do branco, pg. 130. Na perspectiva da pesquisa em curso o estudo sobre as adversidades do Negro no Brasil, inserido e com pretensões sociais determina uma reflexão a respeito da violência, violência como problema central das relações do Negro com o branco. Ser Negro é ser e sofrer violência de forma constante e cruel, sem pausa e repouso, em uma dupla injunção a encarar o corpo e o Ideais do Eu do sujeito branco e a recusar, negar, anular a presença do corpo negro. Esclarecendo de que o Ideal de Eu não se confunde com o Eu Ideal; o Eu Ideal é a instancia regida pela onipotência, e além disso marcada pelo registro do imaginário, caracterizado pelo predomínio das representações fantasmáticas, de outra feita o Ideal do Eu é o domínio do simbólico, isso quer dizer articulação e vinculo, no

simbólico é registro na qual determina a Ordem simbólica e a Lei que de certa maneira fundamenta esta ordem. Assim o Ideal do Eu é a instância que estrutura o sujeito psíquico vinculando-o a Lei e a Ordem e o lugar do discurso, articulante libidinal estrutural do sujeito e seu lugar na cultura. Nessas perspectivas o Negro no Brasil estaria em que posição? O Negro no qual estamos levando em consideração é aquele cujo Ideal do Eu é branco, o Negro estaria imerso numa ideologia imposta pelo branco como ideal a ser atingido o que faz endossar essa luta para esse fim, afinal como se constrói o Ideal de Eu do Negro no Brasil? SOUZA (1984), fundamental traçarmos uma problemática que contemple, acolhe, e aprofunde os impasses do processo da identificação do Negro no Brasil e sua relação com os fatores da paranoia social. Nossa problemática: Como seria possível construir um dispositivo clínico psicanalítico que pudesse levar em consideração as nuances da identificação do Negro no Brasil em um processo de transformação frente a problemática da paranoia social, na construção de uma tática, estratégia e política imbricados nas manifestações da patologia social? Julgo necessário esclarecer a noção de patologia social, que possa também ter um cunho de uma paranoia nesse caso implicada na estimação do Negro e suas relações com o branco, vou levar em consideração a proposta de SAFATLE (2018) com a seguinte expressão: falar em patologias sociais envolve uma reflexão sobre as patologias enquanto categorias que descrevem modos de participação social, e não uma reflexão sobre a sociedade como organismo saudável ou doente. Isso permite uma reflexão e desenvolvimento entre a clínica e a crítica no interior da qual a crítica social aparece indissociável do diagnóstico de limitação do campo de experiência implicado na circulação massiva de quadros de patologias, na transformação reiterada de sofrimento em patologias específicas. A desconstituição da aparência de naturalidade de tais patologias pode reconduzir o sofrimento à condição de matriz produtora de singularidade, pg.11. Será de enorme valia a contextualização de relatos de experiências clínicas de três pacientes em perceptivas frente a essa nossa problemática; a primeira a jovem negra de cabelos coloridos que não se reconhece como negra e de sua origem, a segunda a estudante psicótica negra que é banida pelos colegas com medo de ser perigosa e marginal e pôr fim a professora universitária que subverte a determinação do estigma da família, casou com um moçambicano e com isso tronou a família mais negra.

3) Objetivos Geral

De forma geral será de nossa pretensão investigar as reais condições nas quais se estabelecem o processo da identificação do Negro no Brasil e sua relação com a paranoia social, nossa problemática almeja apontar a possibilidade de ofertar um dispositivo clínico que possa acolher essa demanda, visto que o Negro sempre aparece no cenário social como violento, perigoso, etc. assim que estabelecemos na problemática uma condição, isto é, a tática de como deveríamos acolher essa demanda, onde o analista deve sensibilizar com sua própria condição de branco ou Negro, estratégia estaria a condução e direção do tratamento demandado, que pode ser no consultório ou fora – clínica de rua que visa o acolhimento dos sem teto ou sem-terra, etc. -, dele e por último a política na qual os dois, tanto o analista como o analisando pudessem manter um esclarecimento das condições do Negro ou se não construir o que estamos propondo, por isso o vínculo analítico onde a transferência estrutural aponta a questão singular do analisando e analista em que foi pela via do sintoma; há uma indagação que levamos em conta, ou seja: com o que o analisando se identifica no final de análise? Claro que não é com seu inconsciente, visto que este permanece sendo o Outro, por outro lado o sintoma LACAN (1976-1977) seria o que se conheceria de maneira mais próxima, saber-fazer ali, saber desembaraçá-lo, deixo claro que saber fazer aqui não se trata de saber interpretá-lo, o que se faz sim com o sintoma. O *savoir-faire* sim estaria aí com o próprio sintoma no final de análise, mas o *savoir-faire* não estaria livre de possíveis equívocos: o equívoco é algo que substitui ao que se funda como um saber que se sabe, saber no real que difere do saber inconsciente, com o qual é preciso saber-fazer, LACAN (1976-1977). Daremos ênfase ao *savoir-faire* - que na perspectiva como o sintoma alude na dimensão da raça, corpo, ideias paranoicas, identidade e violência -, nos aprofundamos em destaque no *savoir-y-faire* – saber-ali-fazer -, ou seja o que desnuda ao desfazer-se de algo ou desatar-se, com não se pode apanhar o inapreensível e que não cessa de se inscrever, aí temos o real, que nesse caso aponta uma partida para singularidade em quanto sujeito. O *savoir-y-faire* possa vir em substituição do que ficou do resto do sintoma, ou seja do que sobrou do tratamento analítico do sintoma, o saber advindo essa condição seja a posição do *savoir-y-faire* construir com estilo a sua maneira inventiva, que nos remete ao propósito dessa pesquisa, ou seja as condições estruturadas do tratamento e o viés da identidade do negro brasileiro. Outro aspecto específico seria o processo de desmembrar os itens nos quais possibilitariam a construção teórica dos fundamentos psicanalíticos voltados para o

processo de identificação e o enlaçamento social do negro brasileiro, por tanto cinco itens contemplam essa jornada de pesquisa: A clínica da identificação em Freud e Lacan: e as configurações do laço social e o mal-estar contemporâneo; A identificação do Negro brasileiro; O crime, loucura e religiosidade nos compêndios da psiquiatria clássica brasileira: relatos de casos de anormalidade individual ou coletiva; Uma experiência clínica: relatos da práxis do analista e analisando.

3.1) Objetivos Específico

O objeto dessa pesquisa e estudo de uma maneira geral, leva em consideração pela via da psicanálise o processo da identificação do Negro no Brasil e sua relação com os fatores da paranoia social, para esse fim propomos uma problemática de um dispositivo clínico psicanalítico que pudesse levar consideração três eixos, isto é, uma tática diante do impasse do racismo, uma estratégia analítica onde as relações entre branco e Negro fosse levado em consideração e finalmente uma política no sentido de transformação do sujeito alienado pelo sistema capitalista e determinado a conviver com sua patologia estrutural ou social, visto que o Negro sempre aparece no cenário social como violento, perigoso, etc., a tática deve acolher essa demanda, onde o analista deve sensibilizar com sua própria condição de branco ou Negro, a estratégia estaria a condução e direção do tratamento demandado, que pode ser no consultório ou fora dele e por último a política na qual os dois, tanto o analista como o analisando pudessem manter um esclarecimento das condições do Negro ou se não construir o que estamos propondo, por isso o vínculo analítico onde a transferência estrutural aponta a questão singular do analisando e analista em que foi pela via do sintoma; há uma indagação que levamos em conta, ou seja: com o que o analisando se identifica no final de análise?

4) Metodologia:

A pesquisa em psicanálise em se propõe entre outras condições abordar o sintoma social dentro de uma perspectiva da própria psicanálise, antropologia e sociologia como se refere o objetivo de nossa pesquisa, dá um caráter pelo menos multidisciplinar. Lacan fara uma questão, que é o caráter da subjetividade e desse modo podemos indagar: como isolar os efeitos subjetivos para apreendermos exatamente a subjetividade? Qual seria a

verdadeira concepção de sujeito? Deveríamos isolar o sujeito no método, ou de fato considerá-lo é condição, na contemporaneidade, de fazer ciência, ciência do homem e dos fenômenos sociais que lhe são correlatos. Podemos agora avançar no propósito na relação da psicanálise com a ciência, no sentido de concebermos uma ciência possível do real. Uma ciência que não forclui a presença do sujeito, mas ao contrário, a considera com condição de possibilidade da própria ciência. Como nos aponta Lacan (1965) é preciso incluir o sujeito e, mais que isso, o que o causa – objeto a – e que não é apreendido pelos recurso da linguagem GUERRA (2010), portanto, esta pesquisa dará ênfase a investigação teórico-conceitual e também aos depoimentos clínicos dos analistas e analisandos dentro dos nossos propósitos, o estofo metodológico estará sedimentado nos conceitos psicanalíticos de Freud e Lacan, que sustentaram as implicações do conceito da identificação e a direção do tratamento. Esta pesquisa investigativa, a qual tem como ponto de estudo a identificação do Negro no Brasil, e sua relação com a paranoia social se utiliza como metodologia as articulações teóricas-conceituais da Psicanálise embasada nos escritos de Freud e Lacan, e também se vale da colaboração de interlocutores, relevantes que levaram em consideração não só o processo da identificação mas também as interrelações do Negro frente ao colonialismo escravocrata e com isso possam substantivar nosso propósito investigativo, ou seja, as condições da identificação em que o sujeito de origem está inserido no estigma de raça, em particular a Negra e todas as consequências a ela atribuída no estigma social ou da psicopatologia. O projeto norteia em quatro eixos a serem expandidos e aprofundados: o primeiro estaria na retomada conceitual histórica do pensamento que propõe uma relação entre o processo escravocrata no Brasil e a psiquiatria na figura do degenerado; o segundo seria as contribuições de Arthur Ramos para uma compreensão do Negro através de sua etnia e dos conceitos psicanalíticos; a terceira vincula a proposta de Neusa Santos Souza na análise de uma formulação de identidade do Negro; e a quarta estabelece com Franz Fanon sua articulação entre o colonialismo e subjetividade. Desta maneira podemos substantivar os eixos mencionados com uma metodologia a ser levada em conta ao longo do projeto de pesquisa.

5) Justificativa

A relevância deste projeto é a pesquisa e estudo da visão psicanalítica da identidade do Negro no Brasil e sua relação com os fatores da paranoia social, e nesse sentido para ao retratar nosso propósito trazemos uma contextualização socio histórica e conceitual da

psicanalise e da medicina em particular da psiquiatria que tiveram e tem marcado de maneira cultural, econômica, política e ideológica nas relações do Negro com o branco no Brasil. Fizemos a escolha de três autores para essa análise dois do Brasil, o primeiro Arthur Ramos, o segundo Neusa Santos Souza e o terceiro Frantz Fanon sua contribuição ultrapassa de forma significativa o entendimento dos efeitos do colonialismo no Brasil e o isso desdobra até os dias atuais no Negro, se no passado atribuía-se a anormalidades psíquicas a uma cultura, ou seja, ao negro, índio ou os degenerados, onde se alojavam os conceitos de degenerescência e miscigenação. Ao tomar como referência Arthur Ramos e sua posição frente aos conceitos psicanalíticos e da psicologia social, evidenciando sua análise a esse binômio, e por outro lado dando a eles um realce onde a anormalidade em particular do negro e que fosse fruto das condições sociais e sua singularidade nas relações com o Outro. A identidade e a representação do negro após a escravatura sejam uma dimensão de que haveria uma persecutoriedade do branco a direcionar de que o negro representaria o estigma da degenerescência e raça a emoldurar o crime e a violência. Neusa Santos Souza busca através de seus relatos de entrevistas e casos clínicos em seu livro: *Tornar-se Negro* pontuar as condições da identificação do Negro no Brasil dando um cunho psicanalítico lacaniano que já mencionamos nesse projeto, para nosso caso será um norte das experiências relatadas no livro que nos possibilitou inserir nossos três casos como exemplo, trazer Fanon para esse debate é rico e necessário, fundamental diante da sua proposta em *Peles negras máscaras brancas* seu primeiro livro como o segundo *Os condenados da terra*. Hoje isso não se faz de maneira diferente, mas na análise de que outros matizes estariam implicados nessa dinâmica. Portanto posso inserir nesse contexto a nossa questão investigadora: Como seria possível construir um dispositivo clínico psicanalítico que pudesse levar em consideração as nuances da identificação do Negro no Brasil em um processo de transformação frente a problemática da paranoia social, na construção de uma tática, estratégia e política imbricados nas manifestações da patologia social? na impossibilidade de uma ascensão social do sujeito negro e o que dele se desdobra, isto é, aquele que se encontra excluído de sua própria identidade social, e toma para si a violência e a criminalidade; desta maneira questiona-se de que estrutura a violência racista do branco exercera uma impiedosa tendência a destruir a identidade do negro, e como se dará no negro frente a um Ideal branco, visto que será obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo, em outras palavras; entre o Eu e seu Ideal um hiãnsia está declarada, ou seja, o sujeito negro fará um esforço no sentido de transpor, sabe-se lá a que preço e custo

a busca da felicidade e quanto não de seu equilíbrio psíquico, COSTA (1983). Nossa análise estará além dessas formulações ao vincular com a contemporaneidade no que se refere à condição do negro no Brasil e o que dessa miscigenação seja um ponto a se destacado como uma relação paranoica em que as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social, que fundamentam uma análise a respeito da violência. Por outro lado seria possível propor um dispositivo clínico, a ser pesquisado futuramente que pudesse levar em consideração as condições dinâmicas do processo da identificação do Negro no Brasil, no qual as condições de uma estratégia clínica singular e uma tática terapêutica na qual não se excluiria o contexto político inserido nesse processo de tratamento, onde as patologias sociais imbricam no sintoma do sujeito do inconsciente. Essa proposta possa ser desdobrada em futuro próximo com maior expansão e profundidade.

Síntese teórica das metas/resultados parciais a serem alcançados

Esta pesquisa tem como objetivo, a pesquisa e o estudo e a investigação na direção do tratamento na prática cotidiana da clínica psicanalítica contemporânea, no processo de identificação, do Negro no Brasil e sua relação com os fatores da paranoia social, e as de outro lado a construção do sintoma com tentativa do sujeito no enlaçamento social. A clínica psicanalítica contemporânea e suas práxis se reveste na condição do envolvimento do analista e analisando que estariam a responder não só pela implicação estrutural da transferência, mas também, pela noção de serem Negros e manterem relações com o branco, na medida de serem estes analistas ou analisando a fazerem um contraponto na experiência vivida, onde a violência e a identidade aparecem como fatores relevantes na vicissitude do Negro brasileiro. Portanto, os resultados a serem almejados e alcançados sejam o processo de pesquisa ora de relatos clínicos que substantivam as relações de identificação, construção e a análise sócio histórica do sujeito em questão.

Parcerias

As parcerias que agregariam de maneira substancial a esse projeto de pesquisa em primeiro lugar estaria a assistência e orientação do Prof. Dr. Christian Ingo Lenz Dunker, e a estrutura USP em particular o Instituto de Psicologia Clínica da USP e todo seu acervo bibliotecário na qual possamos pesquisar e interagir com outros pesquisadores. Em

segundo lugar nossa participação no laboratório Latesfip (Laboratório de Teoria Social Filosofia e Psicanálise da USP) coordenado pelos professores Christian Dunker, Vladimir Safatle e Nelson da Silva Junior, pretendemos contar com a relevante contribuição do Prof. Jurandir Costa Freire que possui uma vasta pesquisa e publicações do tema por nós pesquisado, na análise das identificações do Negro e sua relação com a violência, por outro lado nossa proposta junto ao Prof. Joel Birman seja pela sua valiosa contribuição nessa nossa linha de pesquisa ao retratar a violência e o mal-estar nas relações sociais como fator de resistência.

Resultados esperados

O desdobramento desse projeto estará na produção e publicação de artigos que versam sobre o tema em revistas reconhecidas e indexadas pelos anais acadêmicos, será também relevante a publicação de um artigo no final da pesquisa que seja de cunho internacional e nacional concomitantemente, a publicação com a participação de parceria com outros pesquisadores ou capítulos de livros. A participação em congressos nacionais e internacionais torna-se de fundamental relevância para esse projeto que visa articular com outros saberes afins. A organização de seminários e grupo de pesquisa na qual a problemática levantada nessa pesquisa seja de fato um determinante a conduzir e expandir nossos objetivos. A nossa participação e contribuição em bancas de mestrado e doutorado que versão ao tema de pesquisa também está nesse nosso objetivo de resultados

2. Relatório anual das atividades efetivadas

É de nossa pretensão a elaboração, dentro das normas acadêmicas, de relatório no qual se daria ciência do avanço e atividades desenvolvidas dentro da universidade, no exterior, congressos e atividade complementares.

3. Atividade já realizada ou em curso. (2019 -2020)

- a) Participação no Laboratório LATESFIP no núcleo de pesquisa que se dedica as questões do Negro sob a ótica de Frantz Fanon, com apresentação do tema: “A guerra colonial e as perturbações mentais’.

b) *Artigos enviados a revistas;*

- a) A paranoia do Negro no Brasil a análise de Arthur Ramos: uma relação entre a identificação, crime e punição. *Revista Psicanálise & Barroco em Revista – UFERJ/ UNIRIO.*
- b) La paranoia del Negro en Brasil bajo el análisis de Arthur Ramos: una relación entre identificación, crimen y sanción. *Revista Affectio Societatis – departamento de Psicoanálisis – Universidade de Antígona.*

- c) Elaboração do projeto “*Biografia de Neusa Santos Sousa*”, o objetivo desse projeto visa resgatar o percurso da mulher negra, médica e psicanalista e militante na causa do Negro no Brasil. É relevante que nesse momento podemos dar sentido as propostas da mulher e psicanalista lacaniana na causa afrodescendente na sociedade brasileira. Início do projeto março/2020.

- c) Participação no Encontro Internacional no Uruguai do Laboratório do LATESFIP: Jornadas de investigación: (Neo)liberalismo, cuerpos, clínicas de la transformación. V Jornadas de investigación: Formación de la clínica psicoanalítica en el Uruguay. Que acontecerão os dias 9, 10 e 11 de setembro, 2019 na cidade Montevideo.
- d) Apresentação na Jornada de Psicologia Sócio histórica da PUCSP – *A Contribuição de Frantz Fanon a Psicopatologia do Negro no Brasil*, 25 setembro, 2019.
- e) Envio de trabalho – *A paranoia do Negro no Brasil* - para apresentação na VIII Encontro Paulista de Psicologia Política USP-Leste, a ser realizada nos dias 04;05; e 6 dezembro 2019.

4. Cronograma

Atividades/semestres	2019		2020	
	1º semestre	2º semestre	1º semestre	2º semestre
Pesquisa bibliográfica e análise		X		
Produção do artigo		X	X	X
Colaboração institucional		X	X	X
Seminários, conferências, aulas		X	X	X
Orientação, supervisão, grupos de estudos	X	X	X	X
Relatório anual		X		X
Finalização e submissão do artigo para publicação		X	X	X
Relatório final				X

5. Contrapartida com à Universidade São Paulo

A nossa contribuição a Universidade São Paulo, e ao IP-USP possa ser vertido em orientação de trabalhos na graduação, em bancas de mestrado e doutorado. Podemos atuar como supervisor na Clínica de Psicologia do IP, bem como organizar seminários dentro do programa na qual o tema de pesquisa seja fim.

Propomos como disciplina dentro do campo de pesquisa duas contribuições:

- 1) A clínica psicanalítica da identificação na psicose: como dispositivo na estabilização da crise ou como recurso nas psicoses ordinárias.

Carga Horária:

30 horas

Nº de Créditos: 2

Objetivos:

Esta disciplina tem como propósito levantar questões a respeito da clínica psicanalítica contemporânea em particular a das psicoses, nessa perspectiva será nosso objetivo o processo da identificação engendrado pelo sujeito como um dispositivo a ser posto como metáfora paterna na tentativa de uma estabilização frente a precipitação de uma crise ou fazer demanda para seu engajamento no laço social. Será também abordado as condições clínicas da identificação em que se observar nas psicoses declarada ou nas ordinárias as necessidades de manejo clínico frente a essa demanda do sujeito, visto ser de relevância nessa clínica fazer um instrumento de acolhimento e sustentação do sujeito diante de seu mal-estar.

Justificativas:

Para psicanálise a práxis revela as contingências em que o conceito está imbricado com a prática, das estruturas neuróticas, bem como as psicoses. As relações que se estabelecem entre o analista e o analisando visa o acolhimento, as condições discursivas das demandas estruturantes, as manifestações da transferência. Assim revela-se de maneira contingente na qual ao levar em consideração a clínica da identificação na psicose como um dispositivo que estaria a fazer metáfora paterna cujo propósito seria a estabilização nas amarras psíquicas, e desta maneira pudesse dar ao sujeito uma saída para uma crise ou propondo uma incursão nas relações pessoais e no laço social.

Conteúdo:

- Clínica psicanalítica contemporânea da psicose – Clínica da identificação – As psicoses declaradas e as não declaradas – Transferência e manejo clínico – Estabilização na psicose declaradas ou nas ordinárias – Conceito de metáfora paterna na estabilização da psicose – Como identificar as psicoses declaradas e as ordinárias.

Forma de Avaliação:

A avaliação dessa disciplina está na participação presencial e na discussão de seminários relativo ao conteúdo ministrado em aula.

Bibliografias:

BERCHERIE, P. Los fundamentos de la clínica – História y estructura del saber psiquiátrico, Buenos Aires, Argentina, Ediciones Manantial SRL, 1986.

CRUGLAK, C. Clínica da Identificação, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2001.

DUNKER, L. I. C. Mal-Estar. Sofrimento e Sintoma, São Paulo, Boitempo Editorial, 2015.

FOUCAULT, Michel. (1972). História da loucura na Idade Clássica. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

FREUD, S. (1921) Psicologia das Massas e Análise de Eu, *Sigmund Freud obras completas*, vol. 15, Tradutor: Paulo Cesar de Souza, São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

_____. (1924a) Neurose e psicose. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V.III, p. 93-102, 2007.

_____. (1924b) Perda da realidade na neurose e na psicose. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V.III, p. 125-134, 2007.

LACAN, Jacques. (1932). *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade – Primeiros escritos sobre a paranoia (caso Aimée)*. Trad. Aluísio Menezes, Marco A. C. Jorge e Potiguara M. da S. Jr. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. (1957-1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 537-590.

_____. (1960-1961). *O Seminário Livro VIII: A Transferência*. Trad. Dulce D. Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. (1961-1962). *O Seminário Livro IX: A Identificação*, Trad. Ivan Correa; Marcos Bagno, Recife, Salvador: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

_____. (1969-1970). *O Seminário 17 O avesso da psicanálise*, Trad. Ari Roitman, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

Bibliografia Complementar:

MOURA, C. F. A psicanálise é um laço social. In: *Psicanálise e saúde mental uma aposta*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

NASIO, J. D. *A alucinação e outros estudos lacanianos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *Psicossomática – as formações do objeto a*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

QUINET, A. *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. (Org.). *Na Mira do Outro a paranoia e seus fenômenos*. Rio de Janeiro: Marca d'Água Livraria e Editora, 2002.

_____. *Psicose e laço social, esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. (Org.). *Psicanálise e Psiquiatria: controvérsias e convergências*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. Disponível em http://egp.dreamhosters.com/EGP/161-a_ciencia.shtml Acessado em maio de 2015.

SAFATLE, V. *O circuito dos afetos. Copos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*, São Paulo, Editora Cosac Naify, 2015.

Referencias

ABREU, C. *Capítulos de história colonial*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1976.

ARAGÃO, T. L., CALLIGARIES C., COSTA, F. J., SOUZA O. *Clínica do Social Ensaio*, São Paulo, Editora Escuta, 1991.

ABUD C. C.; SILVA L. M.; KON M. N. *O Racismo e o Negro no Brasil*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2017.

BADIOU, A. *Para uma nova teoria do sujeito*, Rio de Janeiro, Relume Dumará Editora, 2002.

BERCHERIE, P. *Los fundamentos de la clínica – História y estructura del saber psiquiátrico*, Buenos Aires, Argentina, Ediciones Manantial SRL, 1986.

BONFIM, M. *O Brasil na América*, Rio de Janeiro, Editora Topbooks, 1996.

COSTA, J. F. apud SOUZA S. N. Tornar-se Negro ou As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social, Rio de Janeiro, Editora Graal, 1983.

_____. História da Psiquiatria no Brasil – um corte ideológico, Rio de Janeiro, Xenon Editora e Produtora Cultural, 1989.

_____. Violência e Psicanálise, Rio de Janeiro, Editora Graal, 1984.

CARVALHO D. L. Cesare Lombroso e Raimundo Nina Rodrigues entre as ciências do século XIX: o estudo do negro como criminoso, Roma, Itália, Revista online Chaos e Kosmos – www.chaosekosmos.it, 2006.

CRUGLAK, C. Clínica da Identificação, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2001.

CALDAS, H., TEIXEIRA, A. (Org.), Psicopatologia Lacaniana, São Paulo, Editora Autêntica, 2017.

DUNKER, L. I. C. Mal-Estar. Sofrimento e Sintoma, São Paulo, Boitempo Editorial, 2015.

FERNANDES, F.A integração do negro na sociedade de classes, São Paulo, Editora Ática, 1978.

FREYRE, G. Casa-Grande & Senzala, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1983.

FOUCAULT, Michel. (1972). História da loucura na Idade Clássica. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J.A. Guilhaon Albuquerque. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

FANON, F. Os condenados da terra. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

_____. Pele negra máscaras brancas, Bahia, Editora da UDUFB, 2008.

FREUD, S. (1891). Sobre a Conceção das Afasias – um estudo crítico. Trad. Emiliano de Brito Rossi. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. (1893). Esboço para a “Comunicação Preliminar” de /Carta a Josef Breuer, [1893(2006)] *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, V. I. Rio de Janeiro, Imago, 2006.

_____. (1894) As Neuropsicoses de Defesa. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V III, Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. (1895). Casos Clínicos I (Anna O. e Emmy von N.). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

_____. (1895a). Projeto para uma Psicologia Científica, Publicação Pré-psicanalítica e esboço inéditos. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V I, Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1895b). Manuscrito G: melancolia. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. I, p.246-253.

_____. (1896). Carta 52. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-99) In: *Edição standard brasileira das obras*

psicológicas completas de Sigmund Freud, v. I Rio de Janeiro, 1996. *Obras Psicológicas Completas*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1896). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, V. III, Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1896). A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, V. III, Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1900) A interpretação dos sonhos (1900) (primeira parte). In: *Obras Psicológicas Completas*, vol. IV e vol. V. Rio de Janeiro: Imago 1996.

_____. (1911). Observações Psicanalíticas sobre um Caso de Paranoia (Dementia Paranoides) Relato Autobiográfico (Caso Schreber). In: FREUD, S. *Obras Completas* V. X. Trad. Paulo Cesar de Souza, São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1913). Totem e Tabu. In: *Obras Psicológicas Completas*. Trad. Órizon Carneiro Muniz, V. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 21-167.

_____. (1914 a). Introdução ao Narcisismo. In: FREUD, S. *Obras Completas* volume 12. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1914 b) À guisa de introdução ao narcisismo. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V.I, p. 95-132, 2004.

_____. (1915) O inconsciente. In: FREUD, S. *Obras Completas* volume 12. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1915a) O Recalque. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V. I, p. 175-193, 2004.

_____. (1915b) O Inconsciente. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V. II, p. 13-74, 2006.

_____. (1915c) Pulsões e destino da pulsão. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V. II, 2006.

_____. (1917) Luto e Melancolia. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

_____. (1921) Psicologia das Massas e Análise de Eu, *Sigmund Freud obras completas*, vol. 15, Tradutor: Paulo Cesar de Souza, São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

_____. (1923). O Eu e o Id. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, III, 2007, p. 13-71.

_____. (1924a) Neurose e psicose. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V.III, p. 93-102, 2007.

_____. (1924b) Perda da realidade na neurose e na psicose. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V.III, p. 125-134, 2007.

_____. (1925). A negativa. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, III, p. 145-157, 2007.

_____. (1938) Uma cisão do Eu no processo de defesa. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, V. III p. 171-180, 2007.

_____. (1930). O Mal-estar na Civilização. *Sigmund Freud obras completas*, vol. 18, Tradutor: Paulo Cesar de Souza, São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

FULGENCIO, L. BIRMAN, J. KUPERMANN, D. CUNHA, L. E. Modalidades de Pesquisa em Psicanálise: Métodos e Objetivos, São Paulo, Zogodoni Editora Ltda, 2018.

GARCIA-ROZA, A.L. Introdução á Metapsicologia Freudiana, I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

HOLANDA, B. S. Raízes do Brasil, São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

HAAS, C. A, História oral como itinerário de pesquisa na educação especial: construindo narrativas de “aceitação do outro como legítimo outro”, Rio Grande do Sul, UFRGS, 2004.

HATT, K. P. & GOODE, J. W. Métodos em pesquisa social, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968.

LEVY-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural, Rio de Janeiro, Editora Tempo Brasileiro, 1996.

_____. As estruturas elementares de parentesco, Petrópolis – Rio de Janeiro-, Editora Vozes, 1982.

LACAN, Jacques. (1932). *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade – Primeiros escritos sobre a paranoia (caso Aimée)*. Trad. Aluísio Menezes, Marco A. C. Jorge e Potiguara M. da S. Jr. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. (1950). Introdução teórica as funções da psicanálise em criminologia In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1998, p. 125-151.

_____. (1966). *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. De nossos antecedentes In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 69-76.

_____. (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 152-194.

_____. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 96-103.

_____. (1953). Função e Campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324.

_____. (1954). Resposta ao comentário de Jean Hyppolite. In: *Escritos* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 383-401.

_____. (1965-1966) A ciência e a verdade. In: *Escritos* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 869-892.

_____. (1953-1954). *O Seminário Livro I: Os escritos técnicos de Freud*. Trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. (1954-1955). *O Seminário Livro II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Trad. Marie Christine L. Penot e Antonio L. Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. (1955-1956) *O Seminário Livro III: as psicoses*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

_____. (1956). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 461-495.

_____. (1956-1957) *O Seminário Livro IV: A relação de objeto*. Trad. Dulce D. Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 493-533.

_____. (1957-1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 537-590.

_____. (1957-1958) *O Seminário Livro V: As formações do inconsciente*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 591-652.

_____. (1960). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 653-691.

_____. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 807-842.

_____. (1960). Posição do Inconsciente. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 843-864.

_____. (1960-1961). *O Seminário Livro VIII: A Transferência*. Trad. Dulce D. Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. (1961-1962). *O Seminário Livro IX: A Identificação*, Trad. Ivan Correa; Marcos Bagno, Recife, Salvador: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

_____. (1969-1970). O Seminário 17 O avesso da psicanálise, Trad. Ari Roitman, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____: (1976-1977) O Seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une-béveu s' aile à mourre – El fracasso del um-desliz e el amor – México, Ortega y Ortiz Editores, 2008.

_____. Da estrutura como intromistura de um pré-requisito de alteridade e um sujeito qualquer. Controvérsia estruturalista. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 206 – 207.

LACET, C. Da Foraclusão do Nome-do-Pai á foraclusão generalizada: Considerações a sobre a teoria das psicoses em Lacan. *Revista de Psicologia*, São Paulo - USP, 2004, 15(1/2), 243-262. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a23v1512.pdf>Acessado em maio de 2015.

MOURA, C. F. A psicanálise é um laço social. In: *Psicanálise e saúde mental uma aposta*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

NASIO, J. D. *A alucinação e outros estudos lacanianos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *Psicossomática – as formações do objeto a*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

QUINET, A. *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. (Org.). *Na Mira do Outro a paranoia e seus fenômenos*. Rio de Janeiro: Marca d'Água Livraria e Editora, 2002.

_____. *Psicose e laço social, esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. (Org.). *Psicanálise e Psiquiatria: controvérsias e convergências*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. Disponível em http://egp.dreamhosters.com/EGP/161-a_ciencia.shtml Acessado em maio de 2015.

RAMIREZ N. P. Sérgio Buarque de Holanda e a dialética da cordialidade, São Paulo, EDUC – Editora da PUCSP, 2011.

RAMOS, A. Loucura e Crime – questões de psiquiatria medicina forense e psychologia social, Porto Alegre, Edição da Livraria do Globo, 1937.

_____. O negro na civilização brasileira, Rio de Janeiro, Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1971.

_____. Arquivos de Arthur Ramos – Inventario Analítico, Rio de Janeiro, Edições Biblioteca Nacional, 2004.

RODRIGUES, R. N. A paranoia nos negros: estudo clínico e médico-legal (1903). *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, ano VII, n.2, 161-178, junho/ 2004.

_____. As anormalidades coletivas, Brasília DF, Edições do Senado Federal, 2006.

PRADO, P. Retrato do Brasil, São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1996.

PEREIRA, M.E.C. Morel e a questão da degenerescência. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, n.3, p. 490-496, setembro 2008.

_____. Pânico e Desamparo, São Paulo, Editora Escuta, 2008.

PORTOCARRERO, V. Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria, Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, Col. Loucuras & civilização, 2003.

SAFATLE, V. O circuito dos afetos. Copos políticos, desamparo e o fim do indivíduo, São Paulo, Editora Cosac Naify, 2015.

_____. Patologias do social – arqueologia do sofrimento psíquico, Belo Horizonte, M.G., Editora Autêntica, 2018.

SELAU, S. M. História oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. *Revista Esboço*, nº 11, UFSC, 2004.

SCHUPP, S. J. A., Os Muckers, Brasília, Edições do Senado Federal – Vol. 32, 2004.

SCHWARCZ, M. L. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

SCHWARCZ, M.L. & F. GOMES. Dicionário da Escravidão e Liberdade, São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

SOUZA S. N. Tornar-se Negro ou As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social, Rio de Janeiro, Editora Graal, 1983.

VAINFAS, R. Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira, Rio de Janeiro – UFRJ – agosto 1999.